

S. João do Morro Grande

A freguezia de S. João Baptista do Presidio, ou, como ha longo tempo é conhecida, São João do Morro Grande, pertence ao municipio da cidade de Santa Barbara, de onde dista 9 kilometros.

E' um pequeno arrayal, cuja origem, como soe acontecer a quasi todas as povoações da região mineira, data das antigas *bandeiras*, que, em busca de descobertas auríferas e de pedras preciosas, enveredavão-se pelas mattas virgens, ou, seguindo as vertentes de um rio, assentavão suas tendas nas proximidades dos logares em que iniciavão as lavras.

Em relação, porem, a este arrayal, não foi propriamente uma *bandeira*, mas alguns *bandeirantes* portuguezes e brasileiros, procedentes do Rio, S. Paulo e Bahia, que, deslocando-se do povoado do Soccorro, onde se achavão estabelecidos, descerão o rio 10 kilometros e no logar a que derão o nome — Macacos — construirão suas cabanas e uma pobre capella, cobertas de palmeiras, sob a invocação de S. João Baptista. E por que tal povoado tivesse para sua collocação as faldras de um extenso morro, provavelmente, juntavão-lhe o qualificativo de — Morro Grande, como até hoje é mais vulgarmente conhecido.

Attrahidos pela riqueza das areias do rio, para ahi concorrerão novos habitantes; forão multiplicadas as casas e mais confortaveis; e do bairro dos Macacos, por onde começou a povoação nos primeiros annos do seculo passado, forão-n'a extendendo em uma unica rua, mais ou menos subordinada ás tortuosidades do rio, pela extensão de 1.300 metros ao Nascente.

Essa rua, comprehendendo as denominações successivas de — Macacos, Chafariz, Largo, Canto e Fim, contém uma boa centena de casas habitadas.

Actualmente já se acha quasi ligada á rua de Santo Antonio, antigo bairro do « Capim Cheiroso », ao Norte, cerca de 2 kilometros do

arrayal; logar este que, ha 40 annos, nós conhecemos com 2 ou 3 chacaras apenas, e que hoje as tem, mais ou menos arruadas, em numero superior a 20.

Nestes ultimos annos foi construida ahi uma capella sob a invocação de Santo Antonio, installada a 13 de Junho de 1896.

Em terreno da freguezia, mais ou menos proximas, e até a distancia de 12 kilometros, achão-se disseminadas grande numero de chacaras, cuja população, superior á do arrayal, tira de seu trabalho da cultura sobejo contingente para sua manutenção, e ainda vende alguns generos que lhe sobra. O seu commercio, porem, é feito quasi exclusivamente por intermedio dos negociantes do arrayal, em disfarçada feira — aos domingos —, depois da missa conventual, a que todos jamais faltão sob qualquer pretexto, como bons christãos, que todos são, cheios de espirito religioso.

A' cavalleiro do arrayal, no logar denominado — Lagôa, tambem se contão pequenas chacarinhas ou casebres, habitados quasi todos por pobres mulheres, que entretanto vivem honestamente de seus trabalhos de cultura e criação de gallinhas, para o que se presta o logar, de um modo verdadeiramente maravilhoso.

Não é, pois, a importancia que lhe pode emprestar seus modestos habitantes que nos leva a descrever este logar, cheio de encantos, digno de um estudo mais autorizado, e de ser descripto e revestido de cores mais approximadas ao modelo, o que por certo não está ao nosso alcance fazel-o.

Semelhante a uma plataforma immensa, de 500 metros de largura e mil a mil e quinhentos de comprimento, se eleva alguns metros sobre o arrayal, para o qual se limita, quasi em sua totalidade, por uma orla ou friso de duras rochas ou *canga*, intermediados aqui e alli, de moitas espessas de pubescente arnica e de flores campesinas.

De outro lado, — mattas seculares, tambem orladas de capões mais ou menos densos.

Do Norte ao Poente, a vista se espraia por um dilatado horisonte, que só é mais limitado para o Sul, por um extenso morro, sempre ascendente, até a distancia de 12 kilometros.

E' ahi a Serra Luiz Soares, em uma depressão da qual deve futuramente silvar a locomotiva que nos levará em sua rapidez a tratar de amistoso commercio com os nossos visinhos co-irmãos, no Estado do Espirito Santo.

Essa plataforma é cortada ao meio pela estrada do Caethé, e que ha poucos passos do arrayal nos conduz, do lado esquerdo, a um bello cruzeiro, arvorado no centro de uma pequena eminencia, cercado por 14 cruces menores, e em cujo fundo se destaca uma capellinha dedicada á Senhora das Dores. Estas cruces e capella são fre-

quentemente visitadas pelos fleis da freguezia, a venerarem os martyrios de Christo, em sua Via Dolorosa.

Em seguida, o resto de terreno por esse lado é occupado pelas pequenas habitações, já descriptas, sempre virentes, e posto que sem ordem alguma disseminados pelo campo, se fazem agradavelmente admirados á vista esses pequenos hortos, em perenne contraste de cores, entro a luxuriante vegetação e o vermelho retinto do terreno cultivado.

Do lado direito do caminho a vista é mais limitada; mas nem por isso se sentem prejudicadas as bellezas naturaes.

Para o centro dessa parte vai-se formando uma depressão no terreno, alcatifado por uma verde relva ou gramma, de pingue forragem, a julgar-se por algumas dezenas de nédias e mansas vaccas, que alli pascem durante o dia, junto a uma extensa lagôa, até que, aproximando-se em passos tardios, como pezarosos de deixarem tão ameno logar, á tarde se vão dirigindo para os redis.

Fiquemos em uma tarde a contemplar a admiravel belleza, que sente-se, mas não se descreve, junto á lagôa.

O sol a descambar, derrama entretanto uma luz suave e doce á vista, que temos sobre o espelhar azulado das aguas. Myriades de pequenos peixes de dorso prateado saltitão á flor d'agua, furtando aos raios do sol os seus reflexos, para logo se esconderem nas aguas, que por isso se veem em continuas, mas serenas ondulações.

Dous ou tres caçadores ahi se achão, em busca de exercicios venatorios. Debalde avistão elles á sua frente boas ninhadas de mergulhões, pois que, ao approximar-se-lhes, desapparecem como por encanto da superficie das agoas, para surgirem a 5 ou 6 metros de distancia; e fendendo as agoas com a agilidade de bons navegadores vão-se esquivando ao alcance das mortíferas armas.

Tambem se veem algumas narcejas, marrecas, pattsos bravos, & que, com alguma frequencia, são attrahidos pela abundancia de peixes deste lago, e... quiçá enamorados pela belleza do logar, a despeito da guerra encarniçada que lhes votão alguns caçadores, que os aguardão em choças formadas de ramos, á margem da lagôa.

Com mais frequencia ainda é contemplada a etherea e solitaria garça que, como um escarneo aos seus mortaes inimigos, os caçadores, vimol-a na margem opposta, acastellada álguns palmos da agua, aonde mergulhão em perseguição da presa, pacientemente escolhida entro as mais cubiçadas.

Uma multidão de victimas se apresentam para o sacrificio. Bandos enormes de inoffensiva gaivotas e alegres andorinhas, ahi estão volitando sobre as cabeças dos atiradores; e, soltando alegres pios, entregão-se voluntariamente á morte, ás dezenas e ás centenas, em troca do prazer immenso de se verem espelhadas nas agoas desse

lago encantador, em cujas superficies se vão banhando em rapido voar !

.....

.....

A affluencia de moradores para o povoado de São João do Arro Grande, parece ter sido assás significativa em seus principios; em 1713 foi começada uma nova capella, coberta de telhas, de maiores dimensões que a primitiva, collocada no centro do povoado, em frente ao Norte; cuja porta principal correspondia exactamente com a porta travessa da actual matriz,

Por alvará de 28 de Janeiro de 1752 foram-lhe concedidos os foros de freguezia, sendo seu primeiro Vigario o P.^o Manoel Antonio da Costa Pita, ao qual, na ordem das successões, seguirão-se mais oito, a saber:

- P.^o José Pereira de Sá.
- P.^o Agostinho Monteiro de Barros.
- P.^o Braz Vicente da Silva.
- P.^o André de Mello Mattos,
- P.^o Remigio Varella da Fonseca.
- P.^o Antonio Isidoro da Silva Diniz.
- P.^o Eusebio do Couto Barbosa.
- P.^o Antonio Maria Telles de Menezes.

Actualmente acha-se vaga a freguezia pelo fallecimento do Vigario Telles, a 27 de Setembro de 1896.

..

A nova matriz ou actual, só teve principio a 8 de Janeiro de 1764, devido á iniciativa de Domingos da Silva Maia e do C.^o do 2.^o regimento Manoel da Camara Bittencourt, Portuguez de nascimento. (*)

Para levarem a effecto esse empreendimento, os seus promotores mandarão vir de Lisboa a planta do templo, ignorando-se porem qual o autor desse bello trabalho — um primor de architectura, como pode dar uma idéa, ainda que somente approximada, o defectivo es-

(*) Vamos externar uma queixa que temos do povo de S. João:— o ingrato abandono em que tem deixado os dous craneos de Maia e de Camara, recolhidos á matriz, não com o respeito devido a esses dous benemeritos, em urna apropriada, mas entregues ás vistas dos indifferentes e infantis curiosos, como objectos de profanação e horror.

boço junto, tirado por um curioso, inteiramente alheio ás regras de pintura ou desenho.

O trabalho de pedra desse templo foi posto em praça a 17 de Setembro de 1759, e arrematado por Manoel Gonçalves de Oliveira, pela quantia de 25.000 cruzados e 3503000 reis; assignando como fiadores Manoel de Oliveira Baptista e Manoel da Rocha Monteiro.

A mesa encarregada de promover e dar execução ás obras foi constituida pelos seguintes:

- Provedor, Domingos da Silva Maia.
- Escrivão, Domingos de Carvalho,
- Thesoureiro, Manoel de Souza Monteiro.
- Procurador, Alexandre Ferr.^a da Costa.
- » Francisco Pinto da Motta.

A cerimonia da collocação da primeira pedra teve lugar a 8 de Janeiro de 1764, como acima dissemos, e foi celebrada com toda a pompa para taes actos costumadas; e para maior realce foi a pedra conduzida por Domingos da Silva Maia, Manoel da Camara Bittencourt, primeiros promotores da obra, e por Simão Ferreira da Costa e Alexandre Ferreira da Costa, pessoas estas as mais conceituadas do lugar.

Começadas as obras de pedra em 1764, em 1767 já atingião a altura das janellas das torres; mas o seu arremattante, que tinha verificado bastante alcance e sentia-se em embaraços para concluir as obras, tentou furtar-se ao cumprimento desse dever, por meio da fuga. Presentidos os seus intentos, foi a requerimento dos mesarios, recolhido á cadeia do Caethé, de onde sahio, com venia do Juiz, depois de assignado novo contracto, obrigando-se a concluir o que faltava mediante a contribuição de mais 3.000 cruzados, o que fez effectivo no anno seguinte (1768), não sem algumas modificações na planta; pois em discordancia desta, a sacristia actual, feita de barro ou taipa, não obedeceu á continuação das obras indicadas por saliencias de pedras na parte exterior da capella-mór.

Assim tambem, soffrerão modificações — as entradas para os pulpitos —, que devião partir da sacristia, conduzindo-se por corredores entre os altares e as paredes inferiores; — os balaustres do côro e tres ordens de campas —, a partir da porta principal, serviços estes que devião ser executados em cantaria azul, devidamente lavradas e adaptadas áquelles fins.

..

As obras de carpinteria foram arrematadas por Theodoro Martins de Souza, em 17 de Agosto de 1778, pela quantia de 9.000 cruzados.

Ao que parece, só em 1785 forão estas concluidas; pois a 3 de Maio desse mesmo anno, teve logar a cerimonia da trasladação dos Santos para a nova matriz, de cuja solemnidade fallão as tradições encarecidamente.

Alem do ribeirão do Soccorro, que margêa o arrayal pelo lado esquerdo, este é limitado ao Nascente pelo corrego de S. Miguel, afluente do ribeirão do Soccorro.

Nas cabeceiras do corrego de S. Miguel existe o — Garimpo, aonde em 1857 foi descoberta e explorada a extracção de diamantes, de muito boa agus, mas de uma pequenez e escassez desanimadoras para os garimpeiros, que naquella data e posteriormente em 1868, para alli concorrerão, sem outro resultado mais que — uma cara prova da existencia de taes preciosidades.

Quem escreve estas linhas fez parte de uma pequena caravana, composta de 4 trabalhadores, que por 6 ou 8 dias de serviço conseguiu apenas uma amostra de 11 diminutas pedrinhas, calculadas pelos entendidos á razão de 60 por um vintem de peso.

O povo deste arrayal é tanto morigerado, como bem applicado aos seus trabalhos de cultura e criação; mas os fazem quasi exclusivamente para o consumo do proprio logar, exportando só algum polvilho, farinha de mandioca e bestas novas.

O terreno é fértil, e ainda utilizado pelos processos os mais rudimentaes, presta-se com bastante resultado para a cultura do milho, feijão, mandioca, mamona (pouco cultivada), café, cana, &c.

O cultivo da uva e fabricacão do vinho tem sido experimentado por um industrioso agricultor, com muito bom resultado do producto, de agradável paladar e aroma, igual ao fabricado pelos Padres do Caraça, segundo dizem, o melhor do Estado. A quantidade diminuta, porem, não tem chegado para ser exportado. E' de presumir-se que hoje se eleve a producção, que ha 3 ou 4 annos era de 15 decimos, todos vendidos no arrayal, a 50\$000 cada um.

Funcionão algumas forjas para o minerio de ferro, que produzem excellente ferro em barra.

Conta 2 ou 3 fornos de cal preta, de superior qualidade, procurada de preferencia a de outros fornos em todo o municipio de Santa Barbara.

Tem uma fabrica de vellas, onde é comprada e transformada toda a cera colhida por grande numero de criadores das abelhas, que na freguezia é um seguro auxiliar das familias menos favorecidas.

Encontra-se em diversos logares excellente barro de olaria; e ha 40 annos existio na freguezia uma fabrica de ceramica, cujo producto era igual ao fabricado em Caethé, hoje reconhecido como de qualidade superior.

Os pastos são nutrientes ao gado vaccum e muar, mas o numero de criadores é relativamente limitado.

Mais do que tudo isto, porem, o clima é excellente, a salubridade invejavel; não ha noticias de ter se desenvolvido no povoado qualquer epidemia! A velhice ali é melhor garantida que em outro qualquer logar, a julgarmos pelo numero de macrobios que tem fornecido, muitos de idade superior a um seculo!

Alem da lavra diamantina, já referida, contão-se nas proximidades do arrayal de S. João muitas e riquissimas lavras de ouro: — O Gongo, Crasto (ou Castro?), Trindade, Crioulos Forros, Corrego de S. Miguel, Goiabeiras, Bahú, São Bento, &c.

Esta ultima está sendo explorada por uma importante Companhia ingleza, de cujo futuro prospero muito esperão os moradores de S. João, ainda saudosos da vida animada e opulenta que levarão no tempo em que floresceu o Gongo (1826 — 1856).

Sem descrermos dos beneficios adventicios do prospero futuro da Companhia São Bento, temos convicção, porem, de que jamais esses beneficios serão excedidos, nem mesmo comparaveis aos gozos fruidos naquelle tempo. A riqueza incomparavel das minas do Gongo não se limitava somente a offerecer ao povo de S. João o contingente devido em troca do trabalho, directa ou indirectamente prestado áquella Companhia; pois que, difficéis de guardar em seu seio, os thesouros d'aquellas minas derramavão-se pelas areias do rio que, como uma gaveta aberta aos moradores do arrayal, entregavão-se á discrição destes.

Grande era então o numero de faiscaadores que, após um e mais dias de ociosidade e pagodes, recorrião ao seu *mordomo*, e em 3 ou 4 horas de serviço voltavão ás suas casas com 2, 3 e mais oitavas de ouro; o sufficiente para se manterem naquelles tempos com certa abastança, e até mesmo com prodigalidade.

Permitta-nos o leitor a inserção de um trecho da conversa de um pobre pai, adiantado em annos, e cercado de difficuldades pecuniarias. Depois de haver contado a suas filhas as riquezas e facilidade de vida no tempo do Gongo, e a sua norma de trabalho como faiscaador, perguntou-lhe uma de suas filhas:

— Mas, meu pai, porque não trabalhava todos os dias, economizando sempre alguma cousa, para o caso de faltar o ouro do rio?

— Como! tornou-lhe o pai com ingenuidade: Quem poderia adivinhar que esse ouro viesse a acabar?!

Tristemente admiravel, mas é natural. Que razão justificaria a providencia *nessas cigarras* humanas, quando foi negada a da fábula?

∴

Hoje é muito diversa a vida dos habitantes de São João do Morro Grande. O rio nada produz, á excepção de alguns pequenos peixes, como a pirapetinga, trahiras, piabas, mandis, &, pescados com mais vantagem durante o principio de estação chuvosa — Outubro e Novembro. Em compensação o povo tornou-se mais dedicado ao trabalho da lavoura, e nem por isso vive menos satisfeito que outrora.

Para todo o mal existe alguma compensação.

Ouro Preto, 19 de Janeiro de 1898.

José BELARMINO.

Dores da Boa Esperança

HISTORICO

Ha um seculo os terrenos de Dores do Pantano emergiam-se em sua original uberdade. Seu vasto solo era coberto de frondosas e altaneiras florestas, onde os raios do sol mal podiam penetrar.

Esta zona, banhada por dous caudalosos rios—o Grande e o Sapucahy, estendia-se nessa epocha desde as margens do Rio das Mortes até o Sapucahy, verdadeiro sertão, apenas habitado por limitado numero de pessoal pobre, grande parte descendente dos aborigenes, que se internaram para os centros do paiz, além dos grandes rios.

Os aventureiros ávidos de ouro ou de apossarem terrenos haviam praticado atravez dessa immensa região invias picadas, em demanda das passagens das grandes arterias fluviaes.

Foi no anno de 1795 que muitos aventureiros exploradores de ouro das minas de S. João d'El-Rei vieram á cata do precioso metal nos terrenos de Lavras, e outros, seguindo para o Oeste, foram explorar novas minas.

Nesse mesmo anno, um descendente do afamado Paulista Bueno, cujo nome se celebrizou nas luctas sangrentas travadas em S. João d'El-Rei entre Paulistas e Emboabas, esse descendente chamado João de Souza Pinto Bueno veio procurando o rumo de Jacuhy, onde se haviam descoberto jazidas de ouro. Este caboclo, quando sahio de S. João d'El-Rei, contava 30 annos d'idade, fallecendo em 1875 com 112 annos.

A elle se devem as noções historicas que deixou dos primeiros habitantes do Pantano.

Foi esse caboclo, pois, quem no anno de 1795, atravessando as incultas regiões, que hoje forma a comarca de Tres Pontas, chegou até